

Escola Bíblica

Módulo 4 – Discipulado: Colocando a mão na massa!

Aula 18 – A dependência de Deus no Reino

www.ipbarreto.org.br/escola-biblica/



A dependência de Deus

Logo após abordar a questão da vida de piedade no Reino, Jesus começa a conversar com os discípulos sobre seus valores, suas prioridades e sobre depender do Pai Celestial. Jesus faz o uso de uma sequência de três imagens onde constrói verdades a partir de um jogo de opostos (Mt 6.19-24). Todas as três imagens são na verdade entrelaçadas e montam o contexto do ensino de Jesus para nós.

Primeiro Jesus nos diz para não acumularmos tesouros na terra, ou em uma tradução literal, ordena que se pare de estocar tesouros na terra, pois qualquer bem que venhamos a acumular aqui é um tesouro corruptível, já que a ferrugem destrói e o ladrão rouba (Mt 6.19-21). A questão não é a corruptibilidade material, mas o fato que essa corruptibilidade aponta para a verdadeira natureza desse tesouro: temporal, material, perecível. Ao invés disso, o discípulo deveria ajuntar tesouros no céu, onde não há corrupção, ou seja, são tesouros eternos e permanentes, cujo valor não é transitório, mas perene.

O que está realmente em jogo aqui é que nossos tesouros não apontam apenas para posses, mas é que no mesmo lugar onde está o tesouro, está também o coração. Isto é, os valores que consideramos importantes capturam nosso coração e se tornam o centro de quem somos, seja nossa vontade, disposição, aspirações e tudo o mais. Neste sentido, os tesouros celestiais e os terrenos nos levam em direções opostas, pois ou nosso coração vai em uma direção ou em outra.

Na segunda imagem Jesus nos diz que os olhos são a luz do corpo (Mt 6.22,23), no sentido de que são pelos olhos que captamos a realidade à nossa volta para nos conduzirmos e fazermos nossas escolhas. Assim, os olhos bons que dão luz ao corpo poderiam ser literalmente traduzidos como “sinceros, simples, singelos, generosos”. Ao contrário dos olhos simples e generosos, estão os olhos maus, que são literalmente “avareza, cobiça e egoísmo”. O contraste entre olhos simples e generosos e olhos maus e cobiçosos nos leva a perceber que o homem com um coração cobiçoso tem seu olhar dividido entre as coisas do reino e da terra, além de seu olhar ser guiado pelo egoísmo e ganância que o tornam cego.

Se a generosidade e simplicidade dominam nossa visão de vida então olhamos tudo com contentamento e gratidão, alegria e desprendimento e generosidade. Mas do contrário, olharemos todas as coisas com olhos cobiçosos, invejosos, ingratos, insatisfeitos. Isso é a apenas um sinal externo de divisão interna. A forma como vemos o mundo é determinada pelos valores que cultivamos! Os valores vão formar a perspectiva que temos do mundo, que por sua vez vai desembocar no que verdadeiramente adoramos!

Em seguida, vemos que é esse o tema da última imagem de Jesus: a imagem do escravo que tem dois donos (Mt 6.24). Logicamente, esse escravo está numa fria, por que não conseguirá agradar dois senhores que têm propósitos tão distintos para ele, visto que haverá de optar entre servir a Deus e as riquezas. Todas as três imagens se amarram para formar um contexto, visto que Jesus inicia sua análise a partir dos valores, passa pela forma como vemos o mundo para finalmente revelar que tudo isso se torna uma questão de senhorio! Nossos valores determinam nosso jeito de ver o mundo que por sua vez determinam o que de fato adoramos, quem de fato é o dono de nosso coração.

Jesus sabia que confiar nas riquezas era uma grande tentação para aquelas pessoas, pois para muitos tentar enriquecer era a única forma de sair daquela vida miserável, e muitos judeus gastaram suas vidas tentando reverter sua sorte através de suas posses. Muitos haviam decidido confiar nas riquezas e não em Deus, afinal para muitos a percepção era de que Deus os havia abandonado sob o domínio romano. Ser rico, ou pelo menos ter muitos bens, era para elas a única forma de segurança em uma região tão turbulenta e insegura. Jesus estava convocando seus ouvintes a repensar seus valores e sua forma de ver a vida tanto quanto o senhorio!

Depois de construir essas imagens e essas exortações, Jesus então diz: “Por isso...” (Mt 6.25). No original grego a preposição que inicia ao período é somada a um pronome demonstrativo, de maneira que tudo o que será dito a seguir tem de ser ouvido tendo em mente o que já foi dito antes, e é justamente neste ponto que Jesus introduz o tema da ansiedade, ao ordenar aos seus discípulos que não vivam ansiosamente.

Jesus trata da ansiedade a partir de suas considerações a respeito de confiar na riqueza e colocar nelas o coração. Por isso, a ansiedade sobre a qual Jesus fala é na verdade o sintoma de uma grande falta de confiança no cuidado do Pai. Jesus não está condenando a ansiedade, mas está condenando aqueles que estão por trás dela: uma confiança excessiva nas posses e na falta de um senso de dependência do Senhor. O termo usado pelo Mestre para ansiedade significa “ficar ansioso, sem sossego, inquieto”, e geralmente tem o sentido de uma inquietação injustificada, desnecessária e excessiva.

O foco propriamente dito está na atitude de independência arrogante do homem, visto que a confiança no dinheiro é um sub-produto do erro que consiste em expulsar para longe de si o cuidado de Deus e andar com suas próprias pernas. Ao confiar apenas em si mesmo, o homem mostra sua desconfiança em Deus. Jesus não ordena apenas ordena a seus discípulos para não viverem ansiosos, mas mostra o caminho para um estilo de vida diferente: a confiança no Pai como remédio para a ansiedade (Mt 6.25-34). O princípio utilizado por Jesus é claro: se Deus nos dá vida e um corpo, não nos dará também com que nos vestirmos e o que comeremos? Ou seja, partindo do princípio de que o Senhor é o nosso criador, não cuidará de suas criaturas? A ênfase aqui está no fato de que o homem tem de acordar de sua ilusão de poder e controle, na qual é capaz de cuidar de si mesmo como se fosse um ser auto-gerado, para aceitar a realidade de que não criou a si mesmo e por isso não pode sequer responder pela própria vida. Há um Deus criador, e o homem é apenas uma criatura, que recebeu do Senhor vida, que recebeu um corpo existente. Esse Deus não lhe dará também com que alimentar e vestir esse corpo?

Jesus continua, e ali mesmo, do alto do monte, convoca seus ouvintes a olhar para os pássaros que pairam sobre suas cabeças (Mt 6.26). Aquelas aves nunca manusearam uma enxada na vida, e assim mesmo o Pai cuida delas. O mestre também aponta para um lugar onde havia um pequeno canteiro de lírios sendo acariciados pelo vento (Mt 6.28). Um lírio nunca empunhou uma agulha ou sequer aprendeu a bordar, mas nem mesmo Salomão em toda a sua riqueza se vestiu com tanto luxo e glamour quanto um simples lírio. Jesus então se volta a seus ouvintes e lhes pergunta: “Vocês não valem muito mais do que um pássaro desses aos olhos do Pai? Vocês não são mais importantes do que os lírios do campo ao coração do Pai, homens de pequena fé?”

Jesus mostra aos discípulos e aos demais ouvintes que o antídoto para a ansiedade é a confiança no cuidado amoroso de Deus Pai, com a certeza de que o Senhor está cuidando de cada um de seus filhos. Por isso, o contrário da ansiedade é entrega, é confiança. Isso não impede que o discípulo venha a ser ativo, mas apenas evidencia que há um Pai sobre ele, que está cuidando e provendo, e por isso a inquietação pode e deve dar lugar à paz.

Embora pudéssemos pensar que todos ali já haviam compreendido o que o Mestre queria ensinar e portanto, o ensino já tinha atingido o seu ponto, Jesus agora anuncia as reais conclusões de toda a sua explanação. Novamente, ele introduz um “pois” (Mt 6.32), indicando que o que vamos ouvir agora depende do que já foi dito antes, e então prossegue dizendo aos seus discípulos que eles não devem viver ansiosamente, sempre se perguntando como vai ser o amanhã, pois são os gentios que vivem assim. Os gentios são todos os que estão de fora do povo de Deus. Assim, todo não judeu é considerado gentio. Mas afinal, os gentios não possuíam deuses também? Possuíam, mas eram deuses para os quais o gentio levava oferendas em troca de benefícios materiais, esperando uma boa colheita ou saúde. O fato é que essas divindades eram, na cultura mitológica herdada pelos gregos, bastante imprevisíveis e caprichosas, e apesar de oferecer a oferenda, o gentio não tinha um relacionamento pessoal com seus deuses a ponto de poder descansar, se entregar. Ter um deus e viver ansioso é coisa de gentio, que tem um deus com quem não se relaciona e em quem não pode confiar.

O discípulo não vive assim, pois sabe que tem um Pai Celestial que cuida dele. Sua preocupação não está no amanhã, mas suas atenções, aspirações, recursos e tudo mais são voltados para o Reino (v.33,34). O discípulo busca em primeiro lugar o Reino com a sua justiça pois sabe que todas essas coisas, comida, veste, abrigo, serão acrescentadas pelo Pai. Isso significa dizer que por causa da consciência de sua filiação, o discípulo faz uma reconfiguração total em seus valores, reorientando sua vida não mais para si mesmo e para valores passageiros, mas coloca como norte de sua vida buscar o Reino de Deus.

O discípulo descansa confiante na bondade do Pai e o fruto dessa confiança é uma vida livre para se viver o agora. Jesus finaliza ordenando ao discípulo que não se inquiete com o dia de amanhã, por que o dia de amanhã trará consigo também o cuidado do Senhor para amanhã. Embora o discípulo não saiba o que será do amanhã, o Senhor sabe, e é no Pai que o filho descansa, sabendo que o que vier, vem das mãos do Senhor. O discípulo reajusta o rumo de sua vida a partir do Pai e o norte da vida do discípulo é o Reino!